

Tinha começado a ler o romance uns dias antes. Abandonou-o por conta de negócios urgentes, voltou a abri-lo quando regressava de trem à casa de campo; deixava-se interessar lentamente pela trama, pelo desenho dos personagens. Naquela tarde, depois de escrever uma carta ao procurador e discutir com o mordomo uma questão de parcerias, voltou ao livro na tranqüilidade do estúdio que dava para o parque dos carvalhos. Refestelado em sua poltrona favorita, de costas para a porta que o teria perturbado como uma irritante possibilidade de intrusões, deixou que a mão esquerda acariciasse uma e outra vez o veludo verde e se pôs a ler os últimos capítulos. Sua memória guardava sem esforço os nomes e as imagens dos protagonistas; a ilusão romanesca logo o conquistou. Desfrutava o prazer quase perverso de ir se desprendendo linha a linha do que o rodeava e sentir ao mesmo tempo que a cabeça descansava comodamente no veludo do espaldar alto, que os cigarros continuavam ao alcance da mão, que mais além das grandes janelas dançava o ar do entardecer sob os carvalhos. Palavra a palavra, absorto na sórdida disjuntiva dos heróis, deixando-se levar pelas imagens que se articulavam e adquiriam cor e movimento, foi testemunha do último encontro na cabana da montanha. Primeiro entrava a mulher, receosa; então chegava o amante, o rosto lanhado pelo açoite de um galho. Admiravelmente estancava ela o sangue com seus beijos, mas ele rechaçava as carícias, não viera para repetir as cerimônias de uma paixão secreta, protegida por um mundo de folhas secas e caminhos furtivos. O punhal se amornava contra seu peito, em que latejava uma liberdade retraída. Um diálogo sôfrego corria pelas páginas como um arroio de serpentes, e sentia-se que tudo estava decidido desde sempre. Até mesmo aquelas carícias que enredavam o corpo do amante, como querendo detê-lo e dissuadi-lo, desenhavam abominavelmente a figura de outro corpo, que era necessário destruir. Nada fora esquecido: álibis, acasos, possíveis erros. A partir daquela hora, cada instante tinha seu uso minuciosamente atribuído. O duplo ensaio implacável mal se interrompia para que a mão de um acariciasse a face do outro. Começava a anoitecer.

Já sem se olhar, atados rigidamente à tarefa que os esperava, separaram-se na porta da cabana. Ela devia seguir pelo caminho que ia para o norte. Do caminho oposto, ele se virou um instante para vê-la correr com os cabelos soltos. Correu ele também, protegendo-se atrás de árvores e sebes, até distinguir, na bruma violeta do crepúsculo, a alameda que levava à casa. Os cachorros não deviam latir, e não latiram. O mordomo não devia estar àquela hora, e não estava. Subiu os três degraus do pórtico e entrou. Do sangue que galopava em seus ouvidos chegavam-lhe as palavras da mulher: primeiro uma sala azul, depois uma galeria, uma escadaria atapetada. No alto, duas portas. Ninguém no primeiro quarto, ninguém no segundo. A porta do salão, e então o punhal na mão, a luz das grandes janelas, o espaldar alto de uma poltrona de veludo verde, a cabeça do homem na poltrona lendo um romance.

*Tradução de Samuel Titan Jr.*